

Coletânea 2011/2012

(os 12 contos de ficção científica mais lidos)

de David Machado Santos Filho

ÍNDICE

| TÍTULO | POSTADO EM | LEITURAS | PÁGINA |
|------------------------------|-------------------|-----------------|---------------|
| O Sexto Sólido de Platão | 09/10/11 | 139 | 3 |
| Ideia Brilhante (miniconto) | 12/05/12 | 121 | 8 |
| Encontro com Jesus | 26/02/12 | 118 | 12 |
| Invasores de Mundos | 19/10/11 | 114 | 21 |
| O Agricultor | 26/08/12 | 110 | 25 |
| 4-D | 07/07/12 | 95 | 30 |
| Dor nas Trevas (completo) | 19/07/12 | 94 | 57 |
| Autópsia | 02/08/12 | 87 | 69 |
| A Garota do Capacete Térmico | 22/11/11 | 83 | 89 |
| Idade dos Porquês | 30/07/12 | 82 | 95 |
| Harold, O Robot | 20/09/12 | 81 | 110 |
| Papa-Figos | 15/06/12 | 76 | 119 |

O Sexto Sólido de Platão

Mais uma vez o Professor Mauro começou a contar as faces daquele modelo de poliedro regular em papel-cartão que estava em suas mãos. Há horas aquele fantasma em papel amarelo o assombrava, aquele ente completamente sobrenatural, que não poderia nunca existir. Mas tanto existia que estava lá, bem entre suas mãos! Contou de novo: uma, duas, três... quinze faces quadradas! Um poliedro totalmente regular, formado de faces que eram polígonos regulares de quadro lados. Um pentadecaedro regular! Um pensamento fixo não saía de sua cabeça: “Rapaz, você não deveria existir!”.

A ideia inicial era muito boa: ao invés de uma chatíssima aula de matemática descrevendo os cinco sólidos platônicos e suas propriedades, por que não uma aula prática, onde seus alunos desenhassem o desdobramento plano de seus sólidos em cartolina ou papel-cartão e depois os montasse colando suas arestas? Colocar a mão na massa economizaria em minutos explicações geométricas que da forma tradicional talvez levasse algumas horas de explicações.

Os sólidos platônicos, ou poliedros regulares convexos, são cinco. Quer dizer, pelo menos era no que Mauro acreditava até aparecer a aberração geométrica que estava agora diante de seus olhos... O mais simples era o tetraedro, quatro faces formadas por triângulos equiláteros, seis arestas que eram os contatos entre duas faces, e quatro vértices dos quais partiam três arestas de cada um. Depois o cubo, bem conhecido dos jogos de azar por ser o formato do dado: seis faces quadradas, doze arestas e oito vértices. O octaedro, formado de oito triângulos equiláteros, o dodecaedro de doze faces pentagonais e o icosaedro composto de vinte triângulos equiláteros. Regulares porque todos os lados eram formados pela mesma face, todas as arestas tinham mesmo comprimento, e todos os ângulos entre as arestas eram iguais. Convexos porque não são considerados platônicos

nem os três dodecaedros estrelados nem o icosaedro estrelado: partes deles “entravam” na figura, eram côncavos!

O professor de matemática recontou pela enésima vez os vértices do seu poliedro: um, dois, três, quatro... quinze! Ainda mais essa: o dual do pentadecaedro era outro pentadecaedro. Se fossem unidos os centros de todas as faces quadradas do poliedro, obteria outro pentadecaedro menor inscrito no primeiro. Um sólido platônico auto-conjugado, cujo único exemplo até então era o humilde tetraedro, com suas quatro faces e quatro vértices.

- Posso fazer um cubo, professor? – lembra-se de um aluno ter perguntado durante a aula.

Bom, era uma das planificações sólidas mais corriqueiras. Quase todo mundo sabe montar um cubo de papel-cartão, com aqueles quadrados dispostos em cruz e abas laterais para colar as arestas. Mauro esperava mesmo que seria a escolha da maioria, mas alguns alunos ainda mais preguiçosos escolheram montar o tetraedro, com suas quatro faces triangulares simples de se desenhar, cortar e colar. Estava dentro das regras, Mauro não tinha porque impedir.

Levantou novamente o sólido assombroso, que agora repousava sobre sua mesa de professor. Girou-o de todos os lados mais uma vez, impressionado: “Não pode ser! Todos os lados são quadrados! Que trapaça este moleque fez desta vez que eu não estou conseguindo enxergar?” Olhou com desconfiança os ângulos dos quadrados, e tirou um esquadro de sua gaveta. “Ah, moleque! Se estes ângulos não forem retos vou te chamar aqui nesta sala para uma conversa séria!” Mas eram! As faces do poliedro eram quadrados perfeitos formados de quatro ângulos de noventa graus cada um. Não seriam faces planas então? Reexaminou com cuidado cada uma das quinze faces, e não existia nenhuma nem côncava nem convexa. Eram quadrados perfeitamente planos!

Como era de se esperar, o sólido mais construído pelos alunos foi mesmo o cubo. Alguns fizeram tetraedros, outros se arriscaram com octaedros. Poucos mais ousados se aventuraram na montagem do icosaedro, com suas vinte faces triangulares, mas via-se que estavam com dificuldade tanto para colocar aqueles vinte triângulos no plano quanto para montá-los depois no formato do sólido. Deveriam desenhar as faces com régua e compasso apenas. Fácil fazer quadrados e triângulos equiláteros assim, mas não acreditava mesmo que algum aluno soubesse a complicada construção de um pentágono usando apenas estes dois instrumentos. Por isso se surpreendeu com a montagem de Zequinha, aparentemente o único aluno que tentou se aventurar desenhando as doze faces pentagonais de um dodecaedro. Foi apenas ao chegar mais perto daquela construção, pronto para parabenizar a habilidade do garoto, que Mauro percebeu que se tratava de quadrados. De quinze quadrados!

- Que você fez aqui, Zequinha?

O moleque estava assustado. Respondeu em voz quase inaudível.

- Não sei, professor. Não achei este aí no livro...

Pensou na hora: “Não, ele deve ter entendido mal, talvez seja um poliedro semi-regular que ele fez sem querer. Devem existir faces triangulares misturadas com esses quadrados...”. Virou de um lado para o outro, mas tudo o que via eram quadrados. Zequinha olhava para o professor, com um olhar de dar pena:

- Queria fazer um dado, mas acho que desenhei quadrados demais, né professor? – estava

quase em prantos.

Sim, Zequinha tinha mania de exagerar. Quadrados demais? Já havia acontecido antes, em outro laboratório de matemática. Enquanto todos desenhavam projeções de cubos sob vários ângulos numa folha de papel, Zequinha havia aparecido com a perfeita representação de um hipercubo no plano! Teria o moleque aprontado de novo, e montado um poliedro de quatro dimensões? Não, logo afastou isto da cabeça. Seria tão ou mais absurdo ainda que admitir a descoberta de um sexto sólido platônico...

- Posso levar isto aqui, Zequinha?

- Eu faço outro, professor! – o aluno suplicava. – Um cubo, e desta vez não erro! Vou desenhar só seis quadrados. Deixa eu tentar de novo, por favor!

- Calma, Zequinha! Está tudo bem! Ficou ótimo! Só me deixe levar isto aqui para olhar melhor. Você fez um bom trabalho, relaxa!

Foi assim que aquele sólido impossível veio parar em sua mesa. O contemplava há horas, mas ainda não podia acreditar no que via. Um desafio à geometria, um objeto que parecia rir de milhares de anos de estudos de Matemática! Seguiria o Teorema de Euler? Teria ele duas arestas a menos que a soma das faces e dos vértices? Mauro realmente não se surpreenderia se aquela aberração geométrica, tão fora da realidade, também ousasse transgredir esta lei tão respeitada pelos poliedros de quaisquer tipos, regulares ou não, convexos ou não. Mesmo assim contou as arestas, que totalizavam vinte e oito. Um poliedro perfeito, que seguia à risca o Teorema de Euler. Como poderia ser?

Havia um grosso e pesado livro de cálculo num canto de sua mesa. O sólido de faces quadradas no centro parecia rir dele, desafiar anos de estudo de Matemática. Olhou o livro, olhou o modelo em papel-cartão... e uma ideia sinistra começou a aparecer em sua cabeça. Teria coragem de fazer isso? Sim, teria!

- Maldito sólido platônico! Você nunca existiu, e vai continuar não existindo!

O pesado livro de cálculo transformou o modelo de pentadecaedro numa massa achatada de papel entre a mesa e a capa do livro. Ninguém havia visto aquilo, nem nunca veria. Ele próprio, Mauro, já estava plenamente convencido de que fora apenas vítima de uma curiosa ilusão de ótica. Sua consciência estava tranquila agora: o equilíbrio do universo foi preservado, e a quantidade de sólidos platônicos continuaria sendo a que sempre foi desde a mais remota antiguidade: CINCO!

Ideia Brilhante

- Carl, não devíamos sair da nave sem os retrofoguetes!

- Relaxa, capitão! Eu sei o que estou fazendo!

O capitão olhava desconfiado de dentro do seu capacete espacial. Mas, como todos diziam, Carl era brilhante! Primeiro aquela ideia de prender placas metálicas com campos hiper magnéticos em suas junções. Em seguida o escurecimento dos vidros da nave com fuligem para bloquear os raios ultravioletas do espaço exterior. Não era nenhum grande cientista, mas suas invenções eram sempre brilhantes. E baratas! Exatamente do que a agência espacial precisava. A regra era bem clara: "Não contrariem Carl! Deixem o inventor inventar! Estimulem!"

- Já estamos flutuando a uns 10 metros da nave! Qual é a sua ideia?

- Confia em mim, capitão! - e tirou do compartimento externo do traje uma espingarda de ar comprimido.

- Lei da ação e reação? Pretende disparar algo na direção oposta para sermos empurrados de volta em direção à nave?

- Melhor do que isto! E, de qualquer forma, esta sua ideia não funcionaria. Nós dois juntos temos muito mais massa que qualquer projétil que eu resolvesse disparar dela.

Movidos por inércia depois de empurrarem o casco da nave com as pernas num salto, eles

ficavam cada vez mais distantes. Já estavam a 30 metros! Sem retrofoguetes ou qualquer outro meio para retornar, já estariam condenados a se distanciar sempre. Mentira: como estavam em órbita da Terra, o mais provável é que começassem a cair e queimassem na atmosfera como duas estrelas cadentes humanas.

- Isto aqui tem uns 60 metros. - disse tirando um carretel de um cordão muito fino de outro compartimento externo do traje. - Por segurança, quando estivermos a 50 metros eu disparo.

- Isto aí vai nos levar de volta? Vai arrebentar!

- Uma corda de nano carbono, capitão? Arrebentar com a massa de nós dois juntos? Hahaha, francamente...

O capitão Charles ainda estava muito inquieto.

- Mas será que você não se esqueceu de prender esta corda na nave ANTES de resolvermos "pular" dela e chegarmos até aqui?

- Foi exatamente por isto que trouxe este brinquedinho aqui! - disse, levantando a espingarda.

- E o que você vai lançar lá? Um magneto?

Ao dizer isto, o Capitão ficou pálido!! Sim, porque o casco da nave era de um nanomaterial muito resistente, mas, definitivamente, não era atraído por magnetismo! Será que Carl se esquecerá deste "pequeno" detalhe?

- Carl, não me diga que vai tentar disparar um magneto! Pelo amor de Deus! Não agora, que já não existe mais chance de voltarmos!

- Tsc, tsc... - fez Carl desapontado. - Capitão, óbvio que eu sei que o casco da nave não é ferromagnético! Não cometeria uma estupidez deste tipo.

- O que é então?

- Algo banal, barato, e que sempre funciona.

- Um gancho? Não acredito! Sua pontaria sempre foi péssima. Estamos perdidos.

Quando lágrimas de desespero começavam a escorrer das faces do capitão, Carlos anuncia pelo comunicador.

- É agora, capitão! Segure-se em mim! Hora da grande surpresa.

Tira outro objeto do compartimento direito. Amarra a ponta da corda bem firme numa extremidade deste objeto, e deixa bem solto o carretel com a corda de nano carbono.

- A agência espacial não me paga para inventar coisas baratas? - coloca a extremidade com a corda amarrada dentro da espingarda de pressão. - Mais barato que isto impossível.

Quando Carl aponta a espingarda para o casco da nave, a 50 metros deles, o Capitão vê com

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

